

AS MÃES DE EVARISTO: UM ENFRENTAMENTO CONTRA O SISTEMA CONSERVADOR

Ester Abreu Vieira de Oliveira¹
Rosana Carvalho Dias Valtão²

“Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro.”
Conceição Evaristo, 2016a, p. 109

Resumo: A maternidade sempre perfilou a representação da mulher ao longo da história da humanidade e traz em si muitas inquietações no que se refere à imposição social sobre a vida e o corpo feminino. Neste trabalho pretendemos discutir sobre tal questão a partir do conto *Quantos filhos Natalina teve?* da coletânea *Olhos d'água* (2016a), de Conceição Evaristo. Para nossa discussão, nos apoiaremos nos estudos feministas que investigaram o ser mãe, principalmente, no que se refere ser mãe, negra e pobre, a partir do feminismo descolonial, de Maria Lugones (2014). Nosso texto se propõe, com isso, ir além da crítica textual. Buscamos uma leitura perpassada pelo viés da crítica histórica, ouvindo uma voz feminista, a de Evaristo, uma fala não abarcada pelo feminismo branco, burguês das primeiras décadas do século XX, mas um feminismo contra múltiplas opressões, que luta por direitos iguais independente de cor, classe, raça e gênero.

Palavras-Chave: Feminismo. Mulheres de Cor. Maternidade. Conceição Evaristo.

1. Introdução

A questão da maternidade sempre foi supervalorizada na mulher como sendo, talvez, a única forma de realização pessoal e social; como se uma aura de santidade, perfeição e idealização transformasse essa fase de sua vida, ou mesmo, como se a mulher nascesse e existisse para casar, o que implica ser dona de casa, sujeita ao marido, anular-se profissional e socialmente, isto é, satisfazer ao homem e ter filhos.

Entretanto, não se consideraram as condições em que a criança foi gerada, nem mesmo as formas de vida da mulher depois do parto, seus conflitos, sua carga de trabalho e o abandono de si mesma para cuidar e formar esse novo indivíduo – função determinada especificadamente como sendo da mulher pelo meio social, como se ao pai coubesse apenas a provisão alimentícia como sua responsabilidade pela criança.

Buscamos, neste trabalho, refletir sobre as representações femininas na sociedade conservadora e patriarcal ao longo da história da humanidade. A escolha pela obra de Conceição Evaristo se dá por ser essa uma voz feminista não monopolizada pelo

¹ Professora Emérita da Universidade Federal do Espírito Santo; Aposentada, Membro Voluntário do Programa do Mestrado e Doutorado em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes.

² Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo

feminismo branco, burguês ocidental, das primeiras décadas do século XX, que invisibilizava a realidade das mulheres de cor. A leitura da obra de Evaristo perpassa pelo viés da crítica história abarcada nas contribuições de Lugones (2005, 2008 e 2014)³, que apresenta um olhar feminista para as mulheres não brancas, ou mulheres de cor⁴, apontando as conquistas das lutas feministas no combate à representação da mulher como submissa e destinada ao casamento, à vida doméstica e à maternidade. A partir do feminismo descolonial da década de 70, ela propõe pensar nas questões de gênero, raça e classe por meio de intersecção, rompendo com todo paradigma da colonialidade europeia referente à mulher, ao negro e ao pobre, como busca pela resistência. Assim a pesquisadora explica:

A resistência é a tensão entre a sujeitificação (a formação/informação do sujeito) e a subjetividade ativa, aquela noção mínima de agenciamento necessária para que a relação opressão ← → resistência seja uma relação ativa, sem apelação ao sentido de agenciamento máximo do sujeito moderno. (LUGONES, 2014, p. 940)

Entre as obras de Conceição Evaristo, escolhemos o conto *Quantos filhos Natalina teve?*, republicado recentemente na coletânea *Olhos d'água*⁵ (EVARISTO, 2016a), por apresentar a representação de concepção e de maternidade que rompem com os padrões socialmente estabelecidos.

A escrita de Conceição Evaristo é marcada pela luta por igualdade. Em seus textos, se observa o desabafo da mulher fora dos círculos da burocracia social. É a arte da escrevivência⁶, a escrita da realidade, como Evaristo (2016b) especifica. Sua obra marca o momento atual em que a mulher está em busca de ser para si e não ser para os outros, quando busca romper com a representação social tradicionalmente construída, isto é, a de ser mãe e esposa. Nessa ocasião, há na mulher uma busca de promover suas aspirações pessoais, como apontou Lagarde (2012, p. 133).

³ Maria Lugones é uma filósofa feminista, nascida em 1944, na Argentina; é professora de literatura comparada com estudos sobre a questão da mulher e das relações de raça, classe e gênero, como descreveu Gonçalves e Ribeiro (2019).

⁴ Lugones (2008) explica que o termo “mulheres de cor” originou-se nos Estados Unidos por mulheres vítimas da dominação racial, como coalisão contra as múltiplas opressões. A autora salienta que não se trata simplesmente de um marcador racial, ou de uma reação à dominação racial, mas de um movimento horizontal solidário. Mulheres de cor é uma expressão que, segundo Lugones, foi adaptada pelas mulheres subalternas, vítimas de múltiplas dominações nos Estados Unidos, e apropriada além fronteiras. Mulheres de cor, de acordo com ela, não aponta uma identidade que segrega, que separa, mas faz alusão a uma coalisão orgânica entre mulheres indígenas, mestiças, mulatas, negras: cherokees, porto-riquenhos, sioux, chicanas, mexicanos, enfim, toda a trama complexa das vítimas da colonialidade do gênero. Mas tratando essas pessoas não como vítimas, mas como protagonistas de um feminismo descolonial. A coalisão é uma coalisão aberta, com uma intensa interação intercultural.

⁵ A coletânea *Olhos d'água* foi lançada em 2014. É a primeira obra de Conceição Evaristo da qual não teve que custear a publicação, já que essa foi publicada com recursos do Edital de Apoio à Coedição de Livros de Autores Negros, da Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República. Em 2015, a obra é vencedora do Prêmio Jabuti, em terceiro lugar, na categoria contos e crônicas. A coletânea lida (EVARISTO, 2006a) é a 3ª impressão da 1ª edição.

⁶ Escrevivência é um termo cunhado por Evaristo desde 1995, em que a autora une as palavras escrever e viver, o que dá a maior característica de seus textos: a escrita de si, de suas experiências (SILVA DE OLIVEIRA, 2009).

Questões como essas estão claramente apontadas, por exemplo, também em outras obras da coletânea, *Cooper de Cida* e *Beijo na face* (EVARISTO, 2016a).

Conceição Evaristo, por meio de sua escrita, alia-se às ideias feministas para romper com “a caracterização da mulher como frágil, fraca de corpo e de mente, reclusa no privado e sexualmente passiva” (LUGONES, 2005, p. 62, tradução nossa). Sua obra é marcada por mulheres fortes, que lutam por sua sobrevivência e de toda sua prole. A produção de Evaristo não corrobora com a representação das mulheres de cor difundidas nas primeiras manifestações do feminismo, ou seja,

[...][as mulheres não brancas] eram compreendidas como animais no sentido mais profundo de <sem gênero>, marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem caracterização de feminilidades, [...] viam-se caracterizadas por uma gama de agressividade sexual e de perversão, e como sendo bastante fortes para realizar qualquer tipo de trabalho. (LUGONES, 2005, p.62-63. tradução nossa)

Evaristo vai além e traz, em seus textos, narradoras de histórias de resistência de mulheres.

Neste texto, trataremos, em um primeiro momento, uma reflexão sobre a questão da maternidade, para isso nos apoiaremos nos trabalhos de Lagarde (2000), e D’Incao (2009), e, em seguida, voltaremos nosso olhar para a análise do conto *Quantos filhos Natalina teve?*, de Evaristo, buscando na literatura a voz da realidade.

2. A questão da maternidade: um olhar ao longo da história

Ao longo da história da humanidade o sexo feminino sempre ficou resignado a um espaço de reclusão e servidão. Seus desejos, sonhos, prazeres e, sobretudo, sua voz feminina foram silenciados e negligenciados. No século XVIII, com a ascensão da burguesia, a difundida e socialmente aceita representação⁷ da mulher é a da submissa, restrita ao espaço doméstico, esposa e também mãe. Tal representação se perpetua ao longo dos anos. D’Incao (2009, p. 223) explica que, durante o século XX, a mulher é marcada pela valorização da intimidade e da maternidade, “[...] um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido e às crianças, e desobrigada de qualquer trabalho produtivo”. Assim, era concebida a mulher como “o ideal de retidão e probidade, um tesouro

⁷ A noção de representação aqui é tomada a partir de Chartier (1990, p. 23). que a especifica como sendo responsável pela construção da realidade; permitida por meio do trabalho de classificação e delimitação, que produz as configurações intelectuais múltiplas por meio das quais entendemos e agimos no mundo, ou seja, toda realidade é produzida nos conceitos e categorias mentais que são construídos por escolhas e reflexões, em correlação com as condições em que se está imerso. Aquilo que um sujeito considera como certo ou errado, importante ou não, indicia todo esse trabalho mental e, conseqüentemente, simbólico. Com isso, toda representação construída por um sujeito vai, de certa maneira, se relacionar às das comunidades a que pertence, ou seja, suas escolhas e sentidos estão ligados às escolhas e sentidos das comunidades com que esse sujeito se relaciona, sendo essas representações mais bem reconhecidas nas práticas do sujeito dentro de seu grupo social. Todo grupo social – como comunidade cultural ou interpretativa – é marcado por práticas específicas que resultam de representações que emergem de suas apropriações dos objetos culturais e dos modos de ser no mundo - e, também, é marcado por representações específicas que resultam de práticas que emergem de suas apropriações dos objetos culturais e modos de ser no mundo.

social imprescindível”.

Para a filósofa espanhola Sau, a questão da maternidade é imposta à mulher. Ela só existe como um contrato social é “um contrato masculino, entre homens”, ou seja, “[o patriarcado] entende a maternidade como um trabalho sociocultural, não é o resultado [...] de um ato de liberdade das mulheres, apenas do controle masculino sobre elas através de mecanismos culturais [...]” (SAU, Victoria, apud LAGARDE, 2000, p. 134-135, tradução nossa). Portanto, ser mãe se torna uma imposição social, uma necessidade, uma regra para reconhecimento e status dentro da comunidade, como sendo seu único meio de realização pessoal e social.

Para a sociedade aristocrata e conservadora engravidar é o papel da mulher e a obrigação de criar e educar a criança é exclusivamente sua, ao contrário do pai que não tem essa mesma representação social; e toda e qualquer mulher que foge desse estereótipo é julgada e condenada por seus pares.

Na literatura o sonho da maternidade nas representações femininas começa a aparecer com as novas imagens das mulheres construídas em meados do século XIX (D’INCÃO, p.237). A maternidade era uma maneira de santificação da mulher. Com isso, não querer gerar ou mesmo não ficar com a criança nascida rompia com toda essa representação social. Segundo Venâncio (2009, p. 201), “[a mãe] que não assumisse os filhos quebraria as regras de vida social por comprometer a formação do futuro adulto”. Era um controle social sobre as decisões da mulher. Ou seja, além de não poder escolher se quer ou não quer ser mãe, a mulher era obrigada a educar e formar a criança gerada.

Nesse contexto, insere-se a questão da doação dos nascidos, se do ponto de vista oficial, as mães que davam os filhos a criar pareciam desalmadas e egoístas; no dia a dia, porém, “a realidade era outra e o abandono podia representar um verdadeiro gesto de ternura, [...] um gesto paradoxal de amor” (VENÂNCIO, 2009, p. 202-204). A ausência de condições para criar a criança ou a falta de oportunidade de um futuro melhor movia, em muitos casos, o gesto de entregar o filho para que outra família cuidasse.

O abandono da criança por mulheres brancas podia se dar por miséria, mas o mais frequente de abrir mão da posse do filho não era por negarem a maternidade ou por não terem o necessário para criar a criança, era por motivos morais, já que a maternidade era uma característica inata da mulher, como assegurava a medicina social entre os séculos XIX e XX. A mãe solteira, mesmo que tivesse um filho com a idade mais avançada, ou mesmo se tivesse um filho bastardo, indiciava sua falência moral, era julgada e condenada pela sociedade da qual fazia parte, por isso não ficar com a criança era manutenção de seu posicionamento social.

Por outro lado, entre a população de mulheres de cor, não havia implicação moral ser mãe solteira, essa questão quase não era evidenciada, seja a maternidade fora do casamento, seja na adolescência, e o abandono do filho se dava pela falta de condições para criar a criança, ou mesmo, no caso das escravas do século XIX, depois da Lei do Ventre Livre, era uma oportunidade de liberdade para o nascido não permanecer como filho, além disso, “quando [as escravas] engravidavam, muitas vezes, eram separadas de suas proles, consideradas uma mercadoria, que

nada tinham a ver com as mães”, pois estas eram propriedade dos coronéis. (BEZERRA e COSTA, 2018, s/p).

Para compreendermos algumas realidades sobre a maternidade e algumas verdades que, muitas vezes, não fazem parte do discurso oficial, passaremos à análise de um texto literário que, não preocupado em agradar ao cânone literário branco e burguês, assume a literatura como voz de resistência em busca dos direitos da mulher, da mulher não branca, não burguesa, da mulher brasileira, pobre e mulata; uma escrita literária contaminada pelas experiências e subjetividades de quem a produziu.

3. Olhos D'água: a maternidade na voz de Conceição Evaristo

A coletânea de contos *Olhos d'água* (EVARISTO, 2016a) é composta por quinze contos, todos contextualizados em ambientes periféricos: favela, ônibus, morros; com protagonistas afro-brasileiros e, a maioria, com representações de famílias matriarcais: mulheres fortes, responsáveis pela existência de sua descendência; são mulheres que compartilham a mesma vida de ferro, são mulheres de nossa sociedade de exclusão.

A obra encerra questões sociais e existenciais que se tornam a unidade temática da escrita de Evaristo; sem idealização, a autora recria as duras condições enfrentadas por aqueles que não são representação do padrão social burguês, revelando, com isso, seu foco de interesse: a população afro-brasileira, sua vida de pobreza na sociedade urbana. São apresentados aos leitores os dilemas sociais, sexuais e existenciais na pluralidade e vulnerabilidade que constituem a condição humana.

A obra traz outra voz para a literatura brasileira, a voz da mulher negra e pobre, ou seja, a da univocidade feminina. A narrativa de Conceição Evaristo desloca nossa atenção de modelos, conceitos e espaços, que nos eram familiares até algum tempo atrás, para nos apresentar uma realidade um tanto diferente da que permeava as páginas da literatura brasileira produzida a partir do final do século XX, e nos leva a uma das marcas da literatura produzida por mulheres neste século⁸ que são transformações passadas pela prosa de ficção brasileira, como se referiu Resende (2008), em *Expressões da literatura brasileira no século XXI*.

Evaristo descortina os mistérios da existência, narra um mundo como forma de apropriar-se dele, e a palavra dita reivindica a existência de seu corpo presente, “é a escrita para entender o mundo e para encontrar seu lugar nele” (EVARISTO, 2016b). A própria autora determina sua escrita como *escrevivência* (SILVA DE OLIVEIRA, 2009), ou seja, a escrita e a vivência, a ficção e a experiência que se entrelaçam em sua obra, que expõe a singularidade da mulher negra e pobre e, ao mesmo tempo, apresenta a escrita como o lugar de desaguar seus desejos, como Conceição Evaristo afirmou em entrevista ao jornal *O Globo* (EVARISTO, 2016b).

⁸ Dalvi (2018) e Kalil (2018), ao analisarem obras e poetisas brasileiras (e capixabas) contemporâneas, apontam para uma produção escrita produzida por mulheres marcadas pela indagação das realidades sociais, pela luta por igualdade, pela negação da subjetividade ingênua, pela militância e resistência, uma escrita, muitas vezes, com dicção própria e deslocamento, abordando temas que rompem com aqueles socialmente tidos como feministas.

Rezende (2008), ainda, aponta outras características das produções de ficção contemporânea, entre elas, podemos destacar, principalmente, na escrita de Evaristo, a presentificação, o retorno ao trágico, a violência nas grandes cidades, e esta como locus de conflitos absolutamente privados.

Os contos da coletânea *Olhos d'água* são marcados por um tempo determinado: passado – personagens idosas e vividas, períodos implacáveis em suas histórias –, presente – novas dores e tristezas – e futuro – presença de crianças, em alguns contos, entretanto, o futuro é incerto, duvidoso e até negado para a maioria das personagens.

Dos quinze contos, onze possuem como personagem principal uma mulher afro-brasileira, são histórias de mulheres em que Evaristo busca a própria voz, é a resistência ao silêncio histórico imposto aos afrodescendentes no Brasil.

Para refletirmos sobre a questão da maternidade e dos direitos das mulheres de cor, ressaltamos entre esses textos o conto *Quantos filhos Natalina teve?*. Esse é o quinto conto da obra. Pensar na palavra Natalina já nos remete aos vocábulos natalidade, nascer, nascido; originado do latim *natalis* significa nascimento; é a autora já trazendo para a personagem toda a carga semântica que será explorada ao longo de sua narrativa.

O texto narra, em oito páginas, em terceira pessoa e em fluxo de memória, a história de Natalina, filha de uma família pobre de sete filhas, menina de pele escura, que teve sua primeira gravidez antes dos catorze anos, 'quase uma menina', e a de Bilico, amigo de infância, também morador do morro, que se tornou seu namoradinho, com quem aprendeu os prazeres do corpo. Com a descoberta da gestação, foi questionada pela mãe, cozinheira de casa de "madame", se queria ficar com o filho, no que ela foi categórica a afirmar que não.

Mesmo sendo muito jovem, assumiu a responsabilidade para resolver a situação – a gravidez indesejada – tomando chás para abortar a criança. Sem sucesso na empreitada e com a possibilidade de mais uma criança na família pobre para alimentar, a mãe de Natalina pretende resolver o problema preparando ela mesma os chás; se não desse certo iria buscar ajuda com a parteira do morro, Sá Praxedes, para solucionar o problema da filha, ainda que tivesse que gastar um pouco.

Sá Praxedes, que tinha a fama de comer as crianças das mães barrigudas que em sua casa entravam, causava medo a todas as crianças do morro; por isso, Natalina foge de casa e vai ter seu filho em um lugar distante de todos. Lá, ela nem vê a criança direito, o recém-nascido vai direto para 'as mãos-coração da enfermeira do hospital'; a personagem em busca desenfreada pela não morte do filho, quebra com a expectativa do leitor conservador, ao entregar o filho para enfermeira do hospital onde teve a criança.

Mesmo tendo tentado abortar a criança com os chás, a personagem não poderia consentir na morte do bebê, "[Natalina] não queria o menino, mas também não queria que ele fosse comido pela velha [Sá Praxedes]" (EVARISTO, 2016a, p. 45). Ela estava disposta a abortar tomando a medicina caseira, mas não com a ajuda da

parteira. Esse fato pode apontar questões financeiras, como a necessidade do pagamento para seu trabalho, ou o medo atávico, supersticioso, dos moradores do morro de uma mulher que devorava crianças e os prejuízos causados nas vidas das mulheres que usufruíam de seus serviços.

Outra questão a observar, é o abandono da criança logo depois do nascimento, que aponta a negação do nascido, já ocorrido antes mesmo de nascer. Venâncio nos explica bem o comportamento da menina: “com certeza, tanto no passado como no presente, o abandono é um expediente bem menos cruel que o infanticídio [...] sendo o infanticídio ou aborto tomados como práticas heréticas e demoníacas” (VENÂNCIO, 2009, p. 201), aos olhos que dominavam/dominam e regiam/regem a vida e o corpo das mulheres em todos os tempos.

A segunda gravidez foi de Tonho, trabalhador de obra, que sonhava em se casar e construir família. Natalina não queria isso, queria ser livre, não queria casar. Ao descobrir os sonhos do então namorado, a menina-mulher ganha outra preocupação, além da criança, havia as expectativas de Tonho. Quando o segundo filho nasceu, Natalina o entrega para o pai, que volta para sua terra com a criança, “sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho...” (EVARISTO, 2016a, p. 46).

Não casar para garantir sua autonomia enquanto mulher (SOIHET, 2009, p. 368-377), apesar de algumas mulheres abrirem mão do matrimônio para viver de acordo com suas convicções, é a luta contra o estereótipo de marido dominador, mulher submissa, querendo casar, típico de família da classe dominante. Ou seja, Evaristo rompe com a expectativa social para a mulher com Natalina, personagem que traz a representação da mulher independente, seja branca ou de cor, é o retrato, mesmo marcado por tanta luta e violência, das mulheres atuais: Encontramo-nos frente a um universo simbólico que impulsiona às mulheres a romper com o rol exclusivo tradicional de mãe, esposa e promove as aspirações individuais. Hoje nos encontramos frente a mulheres capazes de decidir sobre sua própria vida, o que implica decidir sobre seu próprio corpo e sua própria sexualidade. (LAGARDE, 2000, p.49)

A terceira gravidez acontece quando Natalina trabalha de empregada em uma casa de família – casal de classe média que vivia viajando –, como a mãe e sem outra oportunidade, igual a tantas mulheres que não conseguem estudar. A gestação é resultado de uma proposta de sua então patroa que não podia ter filhos para que a jovem engravidasse do marido e desse a criança ao casal. Natalina aceita a proposta sem pensar duas vezes. Entretanto, o contexto dessa gestação a deixa envergonhada e triste.

A jovem não entendia porque a patroa se desesperava e se envergonhava tanto por não ter um filho, ou seja, é Evaristo mais uma vez buscando representar a realidade daquelas mulheres que necessariamente não querem ser mães, e, por outro lado, traz toda violência emocional causada pela sociedade àquelas que não estão no perfil construído para a mulher. Após o nascimento do bebê, Natalina entrega-o ao casal. Esquecida pelos dois, volta a ser moradora de favela.

A quarta gravidez foi fruto de um estupro, a jovem havia sido levada por dois homens de seu barraco e violentada sexualmente por um deles; a violência sugere uma forma de punição ao irmão da menina, o que faz parecer que ela foi confundida, pois não possuía irmãos, só irmãs. Do abuso, Natalina levou as lembranças da vingança (ela matou seu algoz com um tiro na cabeça, usando a arma do próprio homem), e também a felicidade daquela criança que agora não tinha ninguém com quem dividir, não tinha ninguém para tirar seu filho, "um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte" (EVARISTO, 2016a, p. 50).

Esse procedimento da personagem, era mais uma quebra de paradigma social, o da mulher querendo ser mãe sem um homem por perto, decidindo-se sobre seu corpo, sua vida e sua história.

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento (EVARISTO, 2016a, p. 43).

O conto de Evaristo oportuniza refletir sobre a maternidade e a mulher contemporânea. Ao abandonar as crianças, geradas em suas três primeiras gestações, Natalina nega também sua santificação de mulher ao se tornar mãe, representação crescente na família burguesa do século XVIII (D'INCAO). O texto reforça a nova virada no constitutivo da subjetividade e identidade feminina: o fato de ser mãe (LAGARDE, 2000). Traz, também, a realidade social para o campo da literatura, é a representação de 11,6 milhões de famílias brasileiras que são compostas por mães solteiras, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015; ou seja, são mulheres responsáveis pela criação de seus filhos.

Se por um lado "vivemos em uma sociedade machista em que a responsabilidade do filho ainda é da mãe", Natalina quebra todas as regras sociais, pois ela decide ser mãe sozinha, sem pai por perto. Ela rompe com a representação da mulher nascida junto com mentalidade burguesa: mulher valorizada pela intimidade e pela maternidade, e da chamada família patriarcal brasileira (D'INCAO, 2009, p. 223); é a mãe solteira, é a mulher decidindo sobre seu corpo e sua vida.

4. Conclusão

No conto analisado, vemos, parafraseando Bezerra e Costa (2018), a literatura cumprindo seu papel de ultrapassar os limites da ficção e confrontando as imposições da hierarquia do patriarcado, é a literatura trazendo a realidade omissa que é imposta pelos padrões sociais. É um enfrentamento da representação feminina no cânone literário, é a reivindicação da não subalternidade e submissão da mulher, é a busca de sua autonomia, questões tão bem trabalhadas e alicerçadas na escrita ficcional de Conceição Evaristo.

A escolha da obra se deu, principalmente, por a personagem demonstrar as duas faces da maternidade: o abandono e a permanência com o filho. Ou seja, é a mulher que, decidindo sobre o melhor para si, mesmo que não siga uma regra social, cria suas próprias regras de felicidade, rompendo com todas as expectativas

sociais: Natalina escolheu ser mãe na única gestação que não teve prazer e/ou teve a escolha de gerar, e renunciou as outras três crianças geradas em relações consentidas: uma por ser muito nova e não ter condições de cuidar, outra por não querer constituir família e, por fim, a gestação que foi como um favor para seus padrões.

O conto *Quantos filhos Natalina teve?*, além de explicitar o desejo de muitas mulheres de não ser mãe, ou ser mãe quando quiser, nas condições distintas das socialmente impostas, traz à tona o desconforto durante a gestação, as dores e as frustrações o que rompe com o ideário de sagrado e lindo da maternidade criado para a mulher, como o narrador do conto expõe: “As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio.” (EVARISTO, 2016a, p. 43), é a ficção mostrando a realidade sem idealizações e exaltação, é a vida como ela é.

Na escrita de Evaristo, há uma mistura de ficção e realidade, as ‘palavras são armas’ para a escritora contra o estereótipo social em relação à mulher. Personagens como Natalina reivindicam a força da mulher, suas decisões, sua liberdade, contra todo e qualquer preconceito contra o feminino; é a resistência contra todo pensamento do patriarcado burguês, colonial e machista, é o feminismo das mulheres de cor lutando pela oportunidade de escolhas e tomadas de decisões. É a mulher reivindicando sua identidade, que é bem diferente daquela atribuída e imposta pelo meio social.

Propomo-nos, neste texto, pensar na mulher como sujeito, dona de si, com escolhas e desejos, que podem não ser os que são esperados dela. A partir disso, fica fácil entender o questionamento que intitula o conto – *Quantos filhos Natalina teve?* –, Evaristo deixa claro que a maternidade deve ser escolhida pela mulher; que escolher gerar não te faz mãe, não te dá filhos; a autora oportuniza pela literatura (ficção ou realidade?) a voz feminina de tantas como a personagem Natalina que gritam contra uma sociedade que interfere nas escolhas das mulheres de todos os tempos, raças e classes sociais; é a literatura como forma de registro daquilo que textos históricos não deram conta de fazê-lo.

Referências

BEZERRA, Rosilda Alves. COSTA, Joseane dos Santos. *Maternidade e negritude: a representação do feminino no conto ‘Maria’ de Conceição Evaristo*. VII ENLIJE. Campina Grande: Paraíba, 2018.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Tradução Maria Manoela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DALVI, Maria Amélia. *Dez escritos contemporâneos no Espírito Santo: indagações a partir dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras*. In: TRAGINO, Arno et al. *Bravos Companheiros e fantasmas: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Campinas: Pontes, 2018, p. 379-402.

D’INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: *Histórias das Mulheres no Brasil*. DEL PRIORI, MARY (org.), São Paulo: Contexto, 2009, p. 223-240

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016a.

EVARISTO, Conceição. A literatura como arte da 'escrevivência'. Rio de Janeiro: 2016b. O Globo, Rio de Janeiro: 11 julho 2016. Entrevista concedida a Leonardo Cazes. In: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>> Acesso em: 27 dez. 2018.

GONÇALVES, Josimere Serrão; RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. Colonialidade de gênero: o feminismo decolonial de María Lugones. In: <<https://seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/images/arquivo/46.pdf>>. Acesso em 05 abril 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População Brasileira. 2015. In: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/pesquisa/1&q=mulheres+solteiras&sa2Festatistica%2Fpopulacao%2Festimativa2015%2Fdefault.shtm&ss=4432j2194440j20>> Acesso em 05 dezembro 2018.

KALIL, Bruna. Seis poetisas brasileiras contemporâneas. In: <<https://revistapolen.com/seis-poetas-brasileiras-contemporaneas/>>. Acesso em 19 março 2019.

LAGARDE, Marcela. Maternidad y feminismo. In: TÚPAC, Diana Miriam Miloslavich. Literatura de mujeres: una mirada desde el feminismo. Lima: Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán, 2012. p. 133-138.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

LUGONES, Maria. Coloquialidade e Gênero. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julho-dezembro 2008. In: <<http://dev.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

LUGONES, Maria. Multiculturalismo radical y feminismos de mujeres de color. Revista Internacional de Filosofía Política. Num 25, 2005, p. 61-75. In: <http://espacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned:filopoli-2005-25-3C569DDF-C2D4-C870-87CB-C17FBEC5C5DD/multiculturalismo_radical.pdf> Acesso em: 03 dez. 2018.

RESENDE, Beatriz. Expressões da literatura brasileira no século XXI. São Paulo: Casa da Palavra, 2008.

SILVA DE OLIVEIRA, Luiz Henrique. Escrevivência em Becos da memória, de Conceição Evaristo. Revista Estudos Feministas, vol. 17, no. 2, Florianópolis, Maio/Agost, 2009. In: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019> Acesso em: 10 maio 2017.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In DEL PRIORI, MARY (org.). Histórias das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009, p. 362-400.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade Negada. In: DEL PRIORI, Mary (org.). Histórias das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009, p.189-222.